

WHEN THE SKY SPLIT OPEN

IBRAHIM
BEMBA
KÉBÉ





"Blood Memory" (detalhe | detail)

When the Sky split Open

17.5

1.8.25

A galeria THIS IS NOT A WHITE CUBE apresenta “When The Sky Split Open”: a primeira exposição a solo que constitui, simultaneamente, a estreia internacional, do jovem artista maliano Ibrahim Bemba Kébé.

Num tempo pautado por crises de pertença, fraturas espirituais e desejos de reenraizamento, Ibrahim Bemba Kébé apresenta um corpo de trabalho com 14 obras totalmente inéditas, produzidas ao longo de 2025, que edificam uma cosmogonia especulativa onde o corpo, o gesto, a memória e os símbolos se entretecem, para instituir uma gramática visual de rara densidade.

O título da mostra — When The Sky Split Open — sugere uma fenda ontológica. A abertura de um campo spatiotemporal onde o visível e o invisível, o sagrado e o político, a herança e a imaginação se entreolham, não como opostos, mas como forças complementares.

A dimensão poética de Ibrahim Bemba Kébé parte da matéria, onde a serapilheira, as rendas, os tecidos reutilizados, os búzios, a madeira e os pigmentos formam o léxico tátil de uma linguagem que se revela íntima e ancestral.

A sua obra, do ponto de vista técnico, assenta intrinsecamente numa abordagem híbrida, que cruza pintura, escultura e instalação têtil. Onde se convocam as tradições estéticas da África Ocidental (com particular ênfase na iconografia soninké, bambara e mandinga), mas sempre numa recusa imperiosa de qualquer folclorização ou estetização do exotismo. Em vez disso, Kébé inscreve o seu gesto artístico numa linhagem espiritual e crítica, onde a obra opera como forma de escuta, mediação e transmissão.

À parte da dimensão espiritual e narrativa que atravessa a sua obra, Ibrahim Bemba Kébé tem vindo a edificar uma iconografia singular, profundamente enraizada nessas mesmas tradições visuais da África Ocidental, mas constantemente reconfigurada por uma visão estética própria e contemporânea. A sua paleta cromática — marcada por tons terrosos, púrpuras densos, vermelhos intensos, azuis noturnos e brancos cerimoniais — é sempre simbólica: as cores não servem apenas propósitos visuais, mas encarnam estados espirituais, evocam atmosferas rituais e modulam o ritmo da composição. A cor em Kébé é também matéria mnemónica e espiritual.

A singularidade técnica da sua obra manifesta-se na escolha de suportes e processos: cada peça é edificada sobre serapilheira, tecido de uso comum mas profundamente carregado de história e significados simbólicos no contexto africano. Sobre esta base, o artista aplica uma técnica de pintura em baixo-relevo, em que as camadas de matéria são meticulosamente gravadas e modeladas para dar corpo a superfícies que se tornam quase escultóricas. Este método — simultaneamente pictórico e tátil — confere às obras um carácter formal único, no qual imagem e textura se fundem numa mesma linguagem sensível.

Entre os elementos centrais dessa iconografia, destacam-se as figuras que envergam capacetes arredondados, equiparáveis a elmos ou capacetes de astronauta. Estes dispositivos não se limitam a um efeito visual: operam como signos especulativos que articulam passado e futuro, ritual e ficção, proteção e transcendência. Kébé evoca, com precisão simbólica, a herança das máscaras cerimoniais das sociedades iniciáticas Komo e

IBRAHIM BEMBA KÉBÉ

THIS IS NOT A WHITE CUBE Gallery presents “When The Sky Split Open”, the first solo exhibition — and simultaneously the international debut — of the young Malian artist Ibrahim Bemba Kébé.

In a time marked by crises of belonging, spiritual fracture, and a deep yearning for re-rooting, Ibrahim Bemba Kébé unveils a body of fourteen entirely new works, all created throughout 2025. Together, they construct a speculative cosmogony in which body, gesture, memory, and symbol are interwoven to form a visual grammar of rare intensity.

The exhibition's title — “When The Sky Split Open” — suggests an ontological rupture: the opening of a spatiotemporal field where the visible and the invisible, the sacred and the political, heritage and imagination gaze into one another, not as opposites but as complementary forces.

Kébé's poetics arise from matter itself, where burlap, lace, repurposed fabrics, cowrie shells, wood, and pigments form the tactile lexicon of a language that reveals itself as both intimate and ancestral.

From a technical standpoint, his work is rooted in a hybrid approach that crosses painting, sculpture, and textile installation — a practice that draws upon the aesthetic traditions of West Africa (with particular emphasis on Soninke, Bambara, and Mandinka iconography) while firmly rejecting folklorisation or the aestheticisation of exoticism. Instead, Kébé inscribes his artistic gesture within a spiritual and critical lineage, where the work operates as a mode of listening, mediation, and transmission.

Beyond the spiritual and narrative dimension that runs through his work, Ibrahim Bemba Kébé has been constructing a singular iconography, deeply rooted in West African visual traditions, yet constantly reconfigured by a personal and contemporary aesthetic vision. His chromatic palette — composed of earthy tones, deep purples, vivid reds, nocturnal blues, and ceremonial whites — is always symbolic: colour here does not serve merely visual ends but embodies spiritual states, evokes ritual atmospheres, and modulates the compositional rhythm. In Kébé, colour is also mnemonic and spiritual material.

The technical uniqueness of his work lies in the choice of materials and processes: each piece is built upon burlap, a humble yet symbolically charged fabric in the African context. Upon this base, the artist applies a low-relief painting technique in which layers of matter are meticulously engraved and modelled to produce surfaces that verge on the sculptural. This method — both pictorial and tactile — gives the works a formally distinctive character, where image and texture fuse into a singular expressive language.

Among the central elements of this iconography are the rounded helmets worn by many of his figures — at once ceremonial helms and astronaut visors. These devices go far beyond visual ornament: they operate as speculative signs that bridge past and future, ritual and fiction, protection and transcendence. With precise symbolic acuity, Kébé evokes the ceremonial masks of Komo and Bamana initiation societies,



“Identity Cage” (detalhe | detail)



Bamana, reinterpretando-as num registo futurista que ecoa as preocupações e aspirações das juventudes africanas contemporâneas. Ao fazê-lo, inscreve-se numa linhagem de artistas que têm repensado a máscara como tecnologia visual de identidade e de transformação. No entanto, o seu gesto distingue-se pela contenção e densidade semântica: o capacete, longe de ser adereço ou fetiche formal, torna-se em Kébé um “receptáculo de silêncio” — lugar de recolhimento espiritual, de suspensão e de escuta do tempo.

Nas obras expostas, essas figuras — frequentemente jovens, negras, sentadas, ajoelhadas ou em transe — habitam universos gravados de símbolos: corais, peixes, máscaras, cérebros, aves, carneiros e balanças. O capacete, ora metáfora do exílio cósmico, ora evocação de um pensamento sagrado futuro, é parte orgânica deste léxico. Toda a construção iconográfica de Kébé — tanto nos corpos, como nos objetos, nos fundos ou nos gestos — obedece a uma coerência simbólica meticulosa, onde a ancestralidade não é ilustrada, mas reativada como forma de auscultação do presente.

A atmosfera que habita estas composições é densa, suspensa, feita de silêncio e de atenção. Um silêncio litúrgico, onde o gesto simples — de trançar o cabelo, deitar-se, erguer a mão, escutar uma bênção — adquire valor ritual.

Cada composição ergue-se como um altar ou como um mapa onírico: um lugar de passagem e de revelação. Uma cena de iniciação, de oferenda ou de bênção, nunca se adivinha como tentativa de reconstituição etnográfica. O que o artista propõe é, antes, uma arqueologia especulativa do sagrado em África — uma forma de visitar, sem nostalgia nem dogma, os fios interrompidos da memória espiritual do continente.

Neste sentido, há uma continuidade temática e conceptual entre as obras inéditas aqui apresentadas e as peças anteriores do artista, como *The Shadow of the Revolution of the Self*, onde a tensão entre religiões estabelecidas (Cristianismo e Islão) e os apelos contemporâneos a um regresso às práticas espirituais pré-coloniais se torna explícita. Ali, como aqui, Kébé não oferece respostas fáceis. A sua obra não milita por uma identidade fixa, mas cultiva um espaço de contemplação e de inquietação crítica. O cérebro encarcerado na gaiola, o carneiro dourado, o livro com o ciwara, ou a mulher que se reclina com uma Bíblia aberta no colo: tudo aponta para um território liminar onde pensamento, tradição e imaginação especulativa coexistem sem se anularem.

Kébé é um construtor de pontes entre tempos e mundos. O seu universo visual articula uma herança cultural e espiritual e uma contemporaneidade radical, numa síntese em que o gesto ritual se projecta para o futuro sem perder a escuta do passado. Propõe uma via para repensar o lugar do sagrado e os modelos de transmissão de conhecimento nas sociedades pós-coloniais. Entre o peso da memória e a urgência de um porvir habitável, o artista reafirma a dignidade do gesto criador como gesto de escuta, resistência e emancipação.

“When The Sky Split Open” configura-se como uma epifania. Um espaço de suspensão e rito, onde se escuta o murmúrio do que insiste em permanecer. Um espaço onde, talvez, o céu continue a rasgar-se — para que possamos escutar aquilo que ainda não tem nome.

reimagining them in a futuristic register that resonates with the concerns and aspirations of contemporary African youth. In doing so, he joins a lineage of artists who have rethought the mask as a visual technology of identity and transformation. Yet his gesture is marked by restraint and semantic depth: the helmet, far from being mere accessory or fetishised form, becomes in Kébé a “receptacle of silence” — a site of spiritual withdrawal, suspension, and temporal listening.

In the works on view, these figures — often young, Black, seated, kneeling, or in trance — inhabit symbolic worlds etched with coral, fish, masks, brains, birds, rams, and scales. The helmet, at times a metaphor for cosmic exile, at others an evocation of future sacred thought, becomes an organic component of this lexicon. Kébé’s entire iconographic construction — in bodies, objects, backgrounds, and gestures — follows a meticulous symbolic logic, where ancestry is not illustrated but reactivated as a means of listening to the present.

The atmosphere within these compositions is dense and suspended — forged in silence and focused attention. It is a liturgical silence, wherein simple gestures — braiding hair, reclining, lifting a hand, receiving a blessing — acquire ritual gravity.

Each composition rises like an altar or a oneiric map: a passage-way, a site of revelation. Scenes of initiation, offering, or blessing are never read as ethnographic reenactments. What Kébé proposes is rather a speculative archaeology of the sacred in Africa — a way of revisiting the interrupted threads of the continent’s spiritual memory, without nostalgia or dogma.

In this sense, a thematic and conceptual continuity links the works presented here to previous pieces by the artist, such as *“The Shadow of the Revolution of the Self”*, where the tension between established religions (Christianity and Islam) and contemporary calls for a return to pre-colonial spiritual practices is made explicit. There, as here, Kébé offers no facile answers. His work does not advocate for a fixed identity, but rather cultivates a space for contemplation and critical unease. The brain confined in a cage, the golden ram, the book bearing the ciwara, the reclining woman with an open Bible — all point toward a threshold space where thought, tradition, and speculative imagination coexist without cancelling one another.

Kébé is a builder of bridges between times and worlds. His visual universe articulates a profound spiritual and cultural heritage with radical contemporaneity, in a synthesis where the ritual gesture projects itself into the future without forsaking the echoes of the past. He proposes a path for rethinking the sacred and the modalities of knowledge transmission in postcolonial societies. Between the weight of memory and the urgency of a livable future, the artist reaffirms the dignity of creative gesture as an act of listening, resistance, and emancipation.

“When The Sky Split Open” reveals itself as an epiphany — a space of suspension and rite, where the murmuring of what insists on remaining may finally be heard. A space where, perhaps, the sky continues to split — allowing us to listen for that which has not yet been named.

SOBRE O ARTISTA

Ibrahim Bemba Kébé (n. 1996, Mali) é um artista visual maliano cuja prática artística articula identidade, memória e uma forte dimensão ritual através de uma linguagem que entrecruza pintura, escultura e instalação têxtil. Licenciado pelo Conservatoire des Arts et Métiers Multimédia Balla Fasséké Kouyaté de Bamako — onde concluiu o curso em Artes Visuais com distinção — Kébé representa uma nova geração de artistas para quem a tradição não é uma herança estática, mas uma força viva e especulativa.

Familiarizado desde muito cedo com práticas artesanais - o pai era carpinteiro e soldador - Kébé teve um contacto precoce com o desenho técnico e com a inteligência material do fabrico manual. Estas vivências iniciais sofreram uma amplificação posterior através de experiências autodidatas de caligrafia e serigrafia, que viriam a dar origem às primeiras obras pictóricas do artista.

Em 2016, Kébé ingressa formalmente no Conservatório, destacando-se pela robustez visual do seu trabalho e pelo rigor da sua investigação teórica. É membro fundador e o atual presidente do Sanou'Arts, um jovem coletivo que reúne estudantes e recém-licenciados comprometidos com os desafios conceptuais e práticos da criação artística contemporânea no Mali.

A sua obra desenvolve-se a partir de uma investigação profunda em torno da herança simbólica e formal dos Korèdugaw — figuras de sabedoria iniciática no seio da sociedade maliana. Este universo ético e imaginário informa não só a estética dos seus trabalhos — onde sátira, espiritualidade e reinvenção se entrecruzam — como também o seu compromisso com o reaproveitamento e a transformação de materiais. O princípio da reciclagem, que ressoa o espírito dos Korèdugaw, assume em Kébé um gesto político e uma consciência ecológica, em sintonia com as urgências do nosso tempo.

O núcleo temático mais central da sua prática artística manifesta-se na questão da identidade e na complexa relação entre as sociedades africanas contemporâneas e os seus fundamentos espirituais e filosóficos. Através da exploração das cosmogonias — tanto tradicionais como especulativas —, Ibrahim Bemba Kébé procura sondar de que modo os sistemas ancestrais de sentido continuam a moldar formas de ver, agir e estar no mundo. Os seus universos pictóricos são frequentemente atravessados por uma simbologia marítima, onde figuras de homens e mulheres africanos emergem sublimados, dignos, portadores da memória, do trauma e da transcendência.

ABOUT THE ARTIST

Ibrahim Bemba Kébé (b. 1996, Mali) is a Malian visual artist whose work articulates identity, memory, and ritual through a language that merges painting, sculpture, and textile installation. A graduate of the Conservatoire des Arts et Métiers Multimédia Balla Fasséké Kouyaté in Bamako — where he completed his studies at the top of his class in Visual Arts — Kébé embodies a new generation of artists for whom tradition is not a static inheritance but a living, speculative force.

Having grown up in close proximity to artisanal practices — his father being a carpenter-welder — Kébé was introduced early to the constructive logic of drawing and to the material intelligence of metalworking. These formative experiences later expanded into autodidactic explorations in calligraphy and screen printing, and ultimately, into his first pictorial works.

In 2016, he formally enrolled in the Conservatoire, where he distinguished himself through both the visual strength of his compositions and the depth of his theoretical inquiry. He is a founding member and current president of Sanou'Arts, an emerging collective of young artists and recent graduates committed to confronting the conceptual and practical challenges of contemporary creation in Mali.

Central to Kébé's practice is a sustained engagement with the cultural and formal legacies of the Korèdugaw, a tradition of initiatory wisdom figures within Malian society. His research into their symbolic and ethical universe informs not only the aesthetics of his work — where satire, sacredness and reinvention intertwine — but also his commitment to reuse and transformation of materials. This principle of recycling, which echoes the Korèdugaw ethos, becomes in Kébé's work both a political gesture and an ecological consciousness, aligned with global urgencies.

Kébé's practice centres on the question of identity and the complex relationship between contemporary African societies and their spiritual and philosophical foundations. Through the exploration of cosmogonies — traditional and speculative — he investigates how ancestral systems of meaning continue to shape modes of perception, behaviour, and presence. His painted worlds are often immersed in maritime symbolism, where figures of African men and women emerge dignified and monumental, carriers of memory, trauma and transcendence.







"Salon of Transmission" (Dyptich), 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
162 x 100 + 164 x 102 cm
(IBK13)





"The Awakening of Mandingo Blood", 2025
 Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
 175 x 132 cm
 (IBK21)



"Silent Covenant", 2025
 Técnica mista / acrílico sobre serapilheira
 Mixed media / acrylic on burlap
 204 x 150 cm
 (IBK24)





"Caged Mind", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
173 x 153 cm
(IBK23)



"Whispered Ascent", 2025
 Técnica mista / acrílico sobre serapilheira
 Mixed media / acrylic on burlap
 225 x 158 cm
 (IBK17)





"San Kaaba Saga- When the sky split Open" (Dyptich), 2025, Técnica mista /acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap | 98 x 150 cm + 198 x 150 cm **(IBK24)**





"The Awakening Path", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
168 x 144 cm
(IBK25)



"The March of the Heirs", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira
Mixed media / acrylic on burlap

230 x 274 cm

(IBK18)



"Identity Cage", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
172 x 149 cm
(IBK14)







"Blood Memory", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
158 x 170 cm
(IBK22)



"Seated Spirits", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
175 x 146 cm
(IBK26)



"The Voice of stars", 2025

Técnica mista / acrílico sobre serapilheira | Mixed media / acrylic on burlap
171 x 156 cm
(IBK19)



"Guardian of Elevation", 2025
 Técnica mista / acrílico sobre serapilheira
 Mixed media / acrylic on burlap
 230 x 213 cm
 (IBK20)





SOBRE A GALERIA

A **THIS IS NOT A WHITE CUBE** é uma galeria internacional de arte contemporânea, fundada em Luanda em 2016 e sediada em Lisboa, Portugal. Através da representação e colaboração com artistas nacionais e internacionais, estabelecidos e emergentes, a galeria apresenta um programa centrado em narrativas e debates relevantes, associados ao contexto europeu e do Sul Global. Com um espírito pioneiro de descompartimentalização e inclusão, favorecendo os diálogos interculturais - é a primeira galeria africana em Portugal a abrir o seu círculo de colaboração tanto a artistas locais como a produções artísticas do Sul Global, incluindo o Brasil e países africanos não lusófonos. A galeria mantém uma presença regular e significativa em importantes feiras internacionais de arte.

ABOUT THE GALLERY

THIS IS NOT A WHITE CUBE is an international contemporary art gallery, founded in Luanda in 2016 and based in Lisbon, Portugal. Through the representation and collaboration with both national and international artists, whether established or emerging, the gallery presents a program focused on relevant narratives and debates, associated with the European context and the Global South. With a pioneering spirit of decompartmentalization and inclusion, favoring intercultural dialogues, it is the first African gallery in Portugal to open its collaborative circle to both local artists and artistic productions from the Global South, including Brazil and non-Lusophone African countries. The gallery maintains a regular and significant presence at major international art fairs.

EQUIPA | TEAM:

Sónia Ribeiro - CEO e Diretora | CEO and Director (+351) 967 042 186
Graça Rodrigues - Diretora e Curadora | Director and Curator (+351) 967 260 472
Sofia Tudela - Assistente de Galeria | Gallery Assistant
Francisco Blanco & Nelson Chantre - Design Gráfico e Audiovisual | Graphic Design and Audiovisual

HORÁRIO | HOURS: 3^ªf. - Sáb. / 14h30 - 19h00 | Tue. - Sat. / 2:30 - 7 p.m. **MORADA | ADDRESS:** Rua da Emenda 72, 1200-170, Lisboa

CONTACTOS | CONTACTS:

 gallery@thisisnotawhitecube.com  www.thisisnotawhitecube.com  (+351) 967 042 186 | (+351) 967 260 472

THIS
IS
NOT
A
WHITE
CUBE